

semi-limbos encontram-se fletidos. O padrão da venação é similar a dos folíolos emersos de espécies atuais de *Salviniaceae*. O exemplar foi coletado do mesmo estrato que *Luehea nervaperta* Duarte & Mandarim-de-Lacerda. Este nível situa-se acima do último de folhelho papiráceo, no jazigo Fazenda Santa Fé, Município de Tremembé, SP. — (18 de dezembro de 1997).

\*Auxílio financeiro: FAPESP Proc. nº 95/4858-0.

#### MINERAL NOVO NO CARBONATITO DE JACUPIRANGA, SÃO PAULO\*

D. ATENCIO<sup>1\*\*</sup> E

J. M. V. COUTINHO<sup>2</sup>

Credenciado por ANTÔNIO CARLOS ROCHA-CAMPOS

<sup>1</sup>Instituto de Geociências, USP.

<sup>2</sup>Instituto de Pesquisas Tecnológicas de São Paulo (IPT).

Menezes & Martins (1984, Min. Record 19, 261-270) descreveram a ocorrência de "manasseíta" no carbonatito de Jacupiranga, SP, como trapezoedros hexagonais modificados por um prisma e um pinacóide basal. A forma trapezoedro, entretanto, é incompatível com o grupo espacial da manasseíta, P6<sub>3</sub>/mmc. Em 1992, este novo mineral foi aprovado pela Comissão de Novos Minerais e Nomes de Minerais (CNMMN) da Associação Mineralógica Internacional (IMA Nº 92-028). Os únicos dados divulgados foram: fórmula Mg<sub>4</sub>Al<sub>2</sub>(OH)<sub>12</sub>CO<sub>3</sub>.3H<sub>2</sub>O, grupo espacial P6<sub>3</sub>22, a 10,571, c 15, 139 Å, cor laranja-marrom, marrom claro, brilho vítreo, transparente, uniaxial (+),  $\omega$  1,533,  $\epsilon$  1,533, além das principais raias de difração de raios X (Mandarino, 1994, Min. Record 25, 315-318). Dados completos nunca foram publicados. De acordo com as regras da CNMMN, se a descrição e o nome do novo mineral não são publicados no prazo de dois anos após a aprovação, a proposta é tida como não tendo sido aprovada (Nickel & Mandarino, 1990, Rev. Bras. Geoc. 20: 302-317). Assim, até que uma nova proposta seja aprovada, este mineral deve ser mencionado como um "mineral sem nome". Um estudo de estrutura cristalina deste mineral foi realizado por Arakcheeva *et al.* (1996, Crystallography Reports 41: 972-981). O melhor refinamento, entretanto, foi obtido para o grupo espacial P-62m, que também é incompatível com a forma trapezoedro observada. Novos dados de difração de raios X a partir de monocrystal foram agora coletados e

serão tratados no intuito de resolver este problema. — (18 de dezembro de 1997).

\*Apoio financeiro: FAPESP.

\*\*E-mail: datencio@usp.br / Bolsa de Produtividade em Pesquisa - CNPq.

#### ASSOCIAÇÕES DE FÁCIES EÓLICAS ATIVAS NA COSTA CENTRO-SUL DE SANTA CATARINA

PAULO CÉSAR FONSECA GIANNINI

Credenciado por ANTÔNIO CARLOS ROCHA-CAMPOS

Instituto de Geociências, USP.

Sob a perspectiva da análise de fácies e sistemas deposicionais, dois tipos de associações faciológicas podem ser reconhecidos no sistema eólico costeiro da região centro-sul catarinense. Na primeira associação, dunas frontais incipientes passam gradualmente, em direção ao interior, para dunas transversais lineares e barcanóides, as quais terminam, rumo a sotavento, em frentes de avanço parabólicas equidimensionais. Geneticamente, supõe-se tratar de *draas* costeiros proximais, formados pelo espalhamento contínuo de areias eólicas, sob alta deriva eólica efetiva. As dunas frontais, quando instáveis, são de ocorrência restrita e/ou temporária, e constituem a fonte imediata de areia para este primeiro tipo de associação. Quando estáveis, sob a forma de cordões contínuos e perenes favorecidos pela baixa deriva eólica efetiva, são a fácie única da mesma associação abortada, isto é, não desenvolvida completamente por falta de areia.

A segunda associação inicia-se por fácies residuais de deflação, passa a fácie de dunas transversais barcanas e barcanóides e termina com frentes parabólicas alongadas. Esta associação situa-se sempre a sotavento da primeira, seja esta abortada ou não, dela separando-se por uma área deflacionária, onde se encontram suas fácies mais proximais. Estaria relacionada a valores mais baixos de deriva eólica efetiva e razão suprimento/energia.

O desenvolvimento completo da primeira associação ocorre preferencialmente sobre o sistema deposicional barra-barreira existente ao sul do cabo de Santa Marta (Laguna). Esta distribuição geográfica pode estar ligada ao excesso de areia em desequilíbrio na face litorânea e costa afora, favorecido pela redução do gradiente da plataforma interna ao sul de Santa Marta. — (18 de dezembro de 1997).